

# A CONDOTA DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Adriane Lima Ribeiro<sup>1</sup> Glenda dos Santos Liketteneld Bernardo<sup>1</sup> Lucio Gabriel Chaves<sup>1</sup>  
Fábio da Silva Mattos<sup>2</sup>, Gabriel Fregonassi Dona<sup>3</sup>, Marcela Segatto do Carmo<sup>3</sup>, Jarom de  
Paula Maia<sup>3</sup>, Luciana Bueno de Freitas Santolin<sup>3</sup>, Yara Zucchetto Nippes<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>2</sup> Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>3</sup> Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

## RESUMO

Aproximadamente 1,4 milhões de mulheres grávidas estão infectadas com o HIV em todo o mundo, aumentando o risco da transmissão vertical da doença, com os profissionais de enfermagem exercendo um papel fundamental para a prevenção da transmissão vertical do HIV, se tornando necessário verificar e solidificar o seu papel. Objetivo analisar fatores que implicam na não adesão de medidas profiláticas da transmissão vertical do HIV e compreender as dificuldades do enfermeiro na abordagem a assistência prestada na Atenção Básica. Metodologia: revisão integrativa da literatura em artigos publicados entre 2018 e 2023. Resultados: foram encontrados e discutidos nove artigos sobre a temática. Conclusão: cinco temas principais foram encontrados, e com base neles foi possível perceber que o cuidado de enfermagem eficaz na prevenção da transmissão vertical do HIV requer uma abordagem abrangente, que inclua educação, prevenção, tratamento, apoio emocional e colaboração interdisciplinar.

Palavras-chave: Enfermeiro, HIV, Prevenção, Transmissão vertical.

## INTRODUÇÃO

O período gestacional representa uma experiência significativa na vida das mulheres, trazendo consigo diversas transformações tanto a nível psicológico quanto fisiológico. No entanto, devido à presença do vírus da imunodeficiência humana (HIV), é necessário adotar cuidados complexos ao longo de todo o período que compreende a gestação e o parto. Isso se deve ao fato de que as chances de ocorrer uma transmissão vertical do vírus (por meio do contato com secreções cérvico-vaginais, sangue materno ou amamentação) podem atingir até 25% em gestantes que estão sob acompanhamento e são portadoras do HIV (FREITAS, 2021).

Aproximadamente 1,4 milhões de mulheres grávidas estão infectadas com o HIV em todo o mundo. No Brasil, no período de 2000 a 2019, foram registrados 125.144 novos casos de infecção pelo vírus. Dentre esses casos, a região Norte do país contribuiu com 10.389 mulheres vivendo com o HIV, sendo que uma grande parcela dessa amostra, cerca de 2.803 delas residem no estado do Amazonas (BRASIL, 2019<sup>a</sup>).

Os profissionais de enfermagem exercem um papel fundamental para a prevenção da transmissão vertical do HIV, já que as gestantes necessitam de uma atenção singular, confidencial e qualificada para obtenção de uma gestação saudável e com mínimos risco de infecção ao recém-nascido (KLEINUBING et al., 2019). Além disso, para realizar ações educativas de maneira clara e direta, é necessário que os

profissionais estejam bem preparados e atualizados para lidar com situações adversas. É importante que mantenham a confidencialidade no tratamento das gestantes, tanto individualmente quanto em relação às suas famílias (FREIRE, 2020).

A atenção pré-natal não se limita apenas ao aspecto clínico, mas também engloba o aspecto emocional e educativo da gestante (FARIA et al., 2014). Durante esse período, a gestante recebe informações valiosas sobre sua saúde e a do bebê, além de orientações sobre o desenvolvimento fetal, nutrição adequada e práticas de autocuidado (MAGALHÃES et al., 2018). A busca constante por atualização e aprimoramento profissional permite que a equipe médica esteja preparada para abordar as diferentes necessidades e situações que podem surgir durante a gestação, promovendo, assim, um ambiente de cuidado e confiança para as gestantes e suas famílias (BATISTA et al., 2019).

Tendo em vista o já exposto, esse estudo tem como objetivo analisar fatores que implicam na não adesão de medidas profiláticas da transmissão vertical do HIV e compreender as dificuldades do enfermeiro na abordagem a assistência prestada na Atenção Básica.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa de delineamento bibliográfico, qualitativo e descritivo, visando uma análise de obras da literatura pertinente à questão de pesquisa e aos objetivos propostos. O tipo escolhido é a revisão integrativa, que tem como base a coleta de pesquisas já publicadas sobre determinado assunto, visando alcançar uma compreensão mais ampla sobre o tema em estudo (WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

O levantamento e coleta foi realizado durante os meses de junho e setembro de 2023, nas bases de dados eletrônicas da SciELO (Scientific Electronic Library Online), LiLACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scopus. Buscando responder os objetivos dessa pesquisa, os seguintes descritores foram utilizados de forma exclusiva ou combinada, sendo eles: enfermagem; gestação; HIV; HIV gestacional; e transmissão vertical. Os descritores em saúde foram utilizados nos idiomas português e inglês.

Dentre os critérios de inclusão amostral estão a abordagem de tratamentos ou assistência da enfermagem a pacientes com HIV gestacional, com ênfase na prevenção a transmissão vertical da doença, em pesquisas originais publicadas entre 2018 e 2023, nos idiomas português e inglês, com disponibilidade online. Já dentre os critérios de exclusão, estão artigos não disponíveis online, com acesso pago, não artigos, revisões, comentários, teses e dissertações, além de abordagem incompatível com os objetos do estudo, como tratamento a doença, e doenças relacionadas. Apenas estudos disponíveis em sua forma completa foram considerados, enquanto revisões, estudos de caso, comunicações breves, editoriais ou similares foram excluídas.

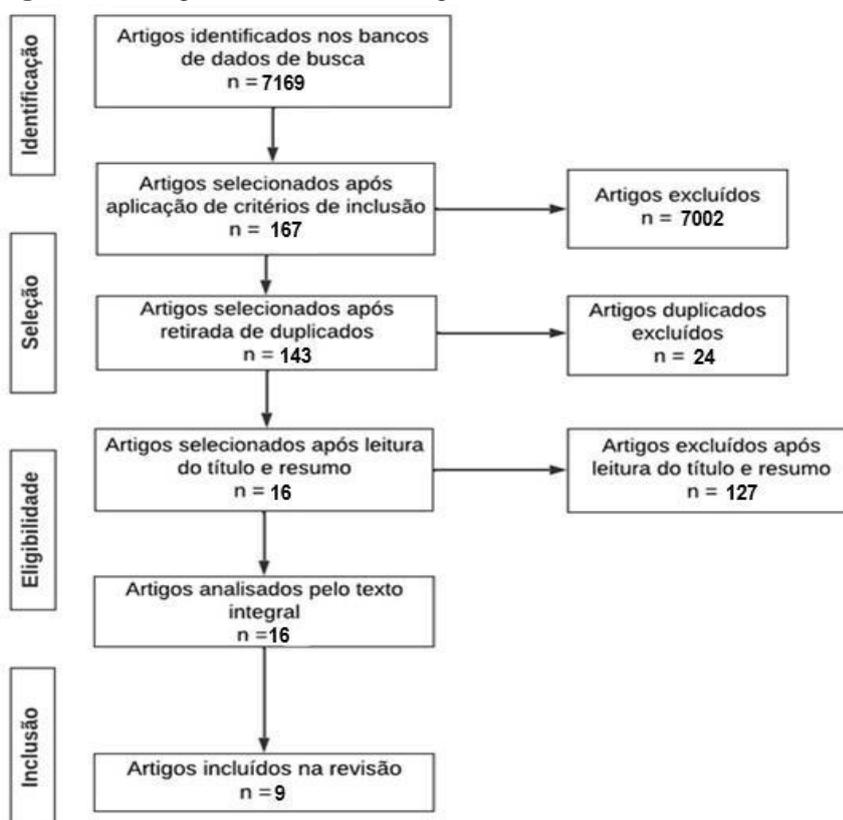
Os artigos em potencial foram organizados, avaliados e posteriormente selecionados

com intenção de reter apenas aqueles que se enquadraram aos critérios para inclusão neste estudo. Inicialmente foi executada a leitura dos títulos, palavras-chaves e resumo e aqueles que estavam de acordo com os critérios estabelecidos foram analisados por completo, tornando possível realizar uma síntese analítica e discussão da temática na atualidade.

Identificaram-se 7169 artigos nos recursos informacionais eletrônicos no Portal da SciELO e LiLACS. Após a primeira triagem, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão e 7.002 artigos foram eliminados por não os atender.

Após a leitura dos títulos (167) – 24 publicações foram excluídas por duplicidade e após a leitura dos resumos, foram excluídas 127 publicações por não atenderem a temática, restando 16 artigos para análise integral de conteúdo e destes, 9 artigos atenderam aos objetivos dessa revisão e foram incluídos no estudo e submetidos a análise de conteúdo para mapeamento de evidências. A Figura 1 apresenta o fluxograma da busca dos artigos nos recursos informacionais, enquanto o Quadro 2 apresenta as informações básicas retiradas das publicações selecionadas.

**Figura 1** – Fluxograma da busca dos artigos nos recursos informacionais



Fonte: Os autores (2023).

## DESENVOLVIMENTO

### Histórico do HIV

O vírus da imunodeficiência humana, mais conhecido pela sigla HIV, foi inicialmente identificado em 1981, e representa uma das epidemias mais devastadoras e persistentes da história da humanidade, sendo uma das principais infecções

sexualmente transmissíveis (ISTs). A AIDS ou síndrome da imunodeficiência adquirida, que é o estágio final da infecção pelo HIV, ocorre quando o sistema imunológico do corpo sofre danos graves devido à ação do vírus (TARIMO; MASHOTO, 2019).

Na década de 80, o HIV era considerado uma doença de predominância em determinados grupos de risco específicos. Entretanto, ao longo do tempo, houve uma mudança no perfil dos portadores do HIV, levando a uma manifestação da infecção em grupos heterossexuais (SILVA et al., 2021). Essa mudança, destaca um aumento significativo nas incidências de HIV em mulheres, fenômeno que foi denominado de "feminilização da epidemia" (TRINDADE et al., 2021).

Partindo da premissa de que as mulheres foram historicamente excluídas das políticas de saúde pública e da produção de conhecimento sobre a população vulnerável ao HIV/AIDS, um estudo que abordou as especificidades para o cuidado à saúde e educação sexual de mulheres, revelou a vulnerabilidade e marginalização dessa população no acesso a informações e educação sexual de qualidade. Além disso, o estudo desmistificou concepções errôneas existentes sobre a sexualidade dessa população (LÚCIO et al., 2019).

O aumento no grupo de mulheres se deve, em parte, à vulnerabilidade delas em negociar o uso de preservativo nas relações sexuais, evidenciando a importância de estratégias de prevenção e conscientização direcionadas a grupos específicos para controlar a disseminação do HIV (SILVA et al., 2018).

O vírus HIV é transmitido por meio de relações sexuais (vaginal, anal ou oral) desprotegidas (sem camisinha) com pessoa soropositiva, e por transmissão vertical (de mãe soropositiva para filho/a) durante a gestação, parto ou durante a amamentação, também é possível contrair a doença a partir de compartilhamento de perfuro cortantes contaminados (FIOCRUZ, 2018).

No Brasil, a disseminação da epidemia de HIV/AIDS tem sido predominantemente observada em regiões caracterizadas por condições socioeconômicas desfavoráveis, um padrão que também se reflete no contexto da transmissão vertical. Estudos realizados no Brasil indicam que a pobreza, baixa escolaridade e renda estão intrinsecamente ligadas à vulnerabilidade à infecção pelo HIV. Esse entendimento foi incorporado ao campo da saúde pública, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, unindo diversos campos do conhecimento, para desenvolver estratégias eficazes no combate à transmissão da doença (SIQUEIRA et al., 2021).

### **Epidemiologia e fisiopatologia do HIV**

O HIV é um retrovírus que tem como alvo as células do sistema imunológico, principalmente as células T CD4 positivas e os macrófagos, que são componentes essenciais do sistema imunológico. Esse vírus tem a capacidade de destruir ou prejudicar o funcionamento dessas células, o que leva a uma deterioração progressiva do sistema imunológico, resultando na condição conhecida como "imunodeficiência". Portanto, quando o HIV ataca os linfócitos CD4+, o paciente torna-se mais suscetível a uma ampla variedade de outros microrganismos infecciosos. A maioria das

complicações relacionadas à infecção pelo HIV, incluindo a mortalidade, resulta dessas outras infecções e não da infecção pelo HIV em si (TARIMO; MASHOTO, 2019).

O HIV começa ligando-se à célula alvo e depois entra nela; libera RNA na célula, o código genético do vírus. Para que o vírus se replique, seu RNA deve ser convertido em DNA. HIV sofre mutação facilmente nesse estágio, porque a transcriptase reversa tende a produzir erros de transcrição do RNA para o DNA (BARBOSA et al. 2018).

O vírus brota através da membrana celular, envolvendo-se em um fragmento dessa membrana celular e se destaca da célula infectada. Para infectar outras células, o vírus deve amadurecer. Isso acontece quando outra enzima viral (protease) corta as proteínas estruturais presentes no vírus e causa um rearranjo dessas proteínas (ARAÚJO et al., 2020).

O sistema imunológico desempenha um papel fundamental na proteção do corpo contra infecções e doenças. Quando ele não consegue cumprir essa função de forma eficaz, a pessoa é considerada imunodeficiente e torna-se mais suscetível a uma variedade de infecções, muitas das quais são incomuns em indivíduos com um sistema imunológico saudável (ABBAS; LICHTMAN; PILLAI, 2017).

Não há cura para o HIV, mas o tratamento com medicamentos antirretrovirais, conhecido como terapia antirretroviral (TARV), permite que as pessoas com HIV vivam vidas longas e saudáveis, além de prevenir a transmissão do vírus para seus parceiros sexuais. Além disso, existem métodos eficazes para prevenir a infecção pelo HIV durante o sexo ou em situações de exposição, incluindo a profilaxia pré-exposição (PrEP) e a profilaxia pós-exposição (PEP) (SILVA et al., 2021; TRINDADE et al., 2021).

A transmissão do HIV é dependente do contato com fluidos biológicos que contenham o vírus ou células infectadas pelo HIV. O vírus pode ser detectado em praticamente todos os fluidos corporais, mas a transmissão ocorre predominantemente através do sangue, esperma, secreções vaginais e leite materno. Embora lágrimas, urina e saliva possam conter quantidades muito baixas do vírus, a transmissão por meio desses fluidos é extremamente rara, se é que ocorre (SILVA et al., 2018b).

Embora seja raro, a possibilidade de transmissão através de diferentes fluidos não pode ser completamente descartada, e práticas de segurança e prevenção adequadas ainda são essenciais para evitar a disseminação do HIV (SILVA et al., 2021).

Ressalta-se que o HIV não se espalha por meio de simples contato, como carícias, abraços ou até mesmo beijos. Além disso, o vírus não é transmitido por contato não sexual. Não há registro de transmissão do HIV através de tossir ou espirrar de uma pessoa infectada, e picadas de mosquito também não são uma via de transmissão do vírus. A transmissão do HIV por um médico ou dentista infectado para um paciente é extremamente rara (PREVIATI et al., 2019). Portanto, é essencial esclarecer que a disseminação do HIV não ocorre por meio de interações sociais ou contatos casuais (TRINDADE et al., 2021).

A transmissão do HIV é mais provável quando a pele ou mucosa apresenta lesões

ou feridas, por menores que sejam, uma vez que essas aberturas oferecem uma porta de entrada para o vírus no corpo. Uma vez dentro do organismo, o HIV se liga a vários tipos de glóbulos brancos, sendo as células T auxiliares as mais importantes. O HIV utiliza a maquinaria genética das células CD4+ para se replicar e se reproduzir, o que contribui para a progressão da infecção, portanto, o vínculo do HIV com as células CD4+ desempenha um papel crucial na patogênese da infecção por HIV (BARBOSA et al., 2018).

A infecção pelo HIV e a AIDS são incluídas na Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, conforme estabelecido na Portaria de Consolidação MS/GM nº 4, de 28 de setembro de 2017. A notificação compulsória da AIDS está em vigor desde 1986, enquanto a infecção pelo HIV passou a ser de notificação compulsória a partir de 2014, de acordo com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN, 2020).

No período compreendido entre 2010 e 2011, foram notificados 139.884 casos de HIV/AIDS no sexo feminino. Houve um aumento nesses números seguido por uma diminuição até 2019, quando houve um declínio significativo para 3.442 casos. No intervalo de 2010 a 2020, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) registrou um total de 417.713 casos de AIDS em indivíduos com 5 anos de idade ou mais. Durante essa década, foram notificados 3.941 casos em crianças menores de 5 anos. Esse número de casos diminuiu consistentemente ao longo dos anos, chegando a 75 casos em 2020 (BRASIL, 2019a).

Em 2020, a Secretaria de Saúde de São Paulo registrou uma redução de 39% na taxa de mortalidade causada pela AIDS e uma queda de 33% na incidência de novos casos da doença em comparação com o ano anterior, 2019, no estado. De acordo com o órgão, essa diminuição está diretamente relacionada ao acesso ao tratamento antirretroviral (ARV), o qual está disponível gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (MINISTÉRIO DA SAÚDE DE SÃO PAULO, 2020).

### **Transmissão vertical e prevenção**

A transmissão vertical do HIV é um evento de natureza multifatorial, influenciado por diversos fatores de risco e de proteção. Estes fatores englobam, primordialmente, as características maternas, obstétricas, pediátricas e socioeconômicas. A presença de múltiplos elementos que interagem na dinâmica da transmissão vertical, incluindo o contexto social, contribui para a criação de disparidades em termos de exposição e vulnerabilidade. Essa compreensão da saúde como um fenômeno social é uma consequência de décadas de debates relacionados ao processo de saúde e doença (MARANHÃO; PEREIRA, 2018).

A Transmissão Vertical do HIV (TV-HIV) ocorre quando o vírus é passado da mãe para o bebê durante a gravidez, o trabalho de parto, o próprio parto ou a amamentação. Em gestações planejadas, com intervenções adequadas desde o pré-natal até o período pós-parto, e com cuidados apropriados para o recém-nascido exposto, o risco de transmissão vertical do HIV é reduzido a menos de 2% (BRASIL, 2019<sup>b</sup>). Ao longo do tempo desde a identificação da doença e a compreensão de sua transmissão vertical, medidas profiláticas foram desenvolvidas para reduzir a

probabilidade de transmissão do vírus da mãe para o filho. A prevenção da transmissão vertical do HIV deve ser iniciada no primeiro trimestre de gestação durante as consultas pré-natais, sendo reforçada no início do terceiro trimestre e durante o trabalho de parto. Durante essas consultas, tanto as gestantes quanto seus parceiros devem passar por um processo de rastreamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A realização do rastreamento é crucial para informar sobre os riscos que o feto enfrenta caso os resultados sejam positivos, permitindo intervenções adequadas para proteger a saúde do bebê (BRASIL, 2020). A identificação diagnóstica do HIV no período gestacional tornar-se indispensável no pré-natal, uma avaliação e análise inicial da paciente diagnosticada com o vírus HIV facilita a formação de um vínculo amigável e profissional com a gestante. A prática do uso de uma expressão clara e objetiva com a parturiente é fundamental para relatar os riscos da transmissão vertical causada pelo HIV, juntamente com a importância da assistência clínico-laboratorial e do tratamento terapêutico antirretroviral, corroborando assim com objetivo principal que são as medidas profiláticas para seu RN (BRASIL, 2019b).

Outra situação em que é possível prevenir a transmissão do HIV é por meio da fertilização assistida. Isso é aplicável tanto a casais em que ambos os parceiros são soropositivos, quanto a casais sorodiferentes, nos quais a mulher é soropositiva e o homem é soronegativo. Para casais em que a mulher é soropositiva e o homem é soronegativo, é recomendada uma técnica conhecida como inseminação doméstica, na qual o sêmen é coletado e introduzido na vagina. Quando o parceiro é soropositivo e a mulher é soronegativa, é aconselhável utilizar a fertilização assistida com técnicas de lavagem espermática, o que ajuda a minimizar o risco de transmissão do HIV durante o processo de reprodução assistida (LANGENDORF, 2020).

O enfermeiro tem um papel fundamental no pré-natal, pois com seu trabalho pode proporcionar uma gravidez sem risco, um parto tranquilo e o nascimento de uma criança saudável. Este profissional, abraça sob suas atribuições grande parte dos atendimentos pré-natal, por isso depara-se com diversas situações, que acabam por exigir-lhe algo a mais que somente conhecimentos práticos (MAZUZE et al., 2021).

As informações mais relevantes dos artigos selecionados, foram extraídos e detalhados no quadro abaixo, e discutidos na sequência.

**Quadro 1** – Informações básicas dos artigos selecionados nos recursos informacionais eletrônicos

Nº	ANO	AUTORES	TÍTULO DO ARTIGO	RESUMO
1	2018	Silva, Corrêa, Barbosa, Borges e Souza	Aconselhamento em Atenção Primária HIV/AIDS e sífilis às gestantes na atenção primária	Objetivo: Analisar as representações dos profissionais da Atenção Primária acerca do aconselhamento e HIV/AIDS e sífilis às gestantes. Método qualitativo. Os profissionais reconhecem a importância da prevenção do HIV/AIDS e sífilis. No entanto, encontram dificuldades para

				realizá-la por meio de aconselhamento.
2	2018	Goulart, Mariano, Castilho, Segura, Mota	Percepção do enfermeiro da atenção básica acerca do atendimento à gestante soropositiva	Objetivo: Descrever a percepção dos enfermeiros que atuam na atenção básica diante do atendimento a uma gestante soropositiva. Método qualitativo. Os enfermeiros, seguem os preceitos, éticos e científicos e são capazes de realizar o atendimento às gestantes, além de bem como realizar orientações quanto aos riscos de transmissão vertical e terapêutica recomendada; porém, devido ao pouco contato com essa clientela, lhes faltam capacitações.
3	2018	Barbosa, Marques Guimarães	Gestantes hiv positivas e os fatores de risco relacionados à transmissão vertical do HIV	Objetivo: Demonstrar, por meio de revisão da literatura, a importância do aconselhamento no teste rápido de HIV em gestantes. Método descritivo. Além da necessidade em agilizar o diagnóstico, deve-se fornecer as orientações necessárias pré e pós teste das gestantes atendidas para que o atendimento esclareça de modo a priorizar medidas profiláticas na prevenção da doença e, no caso de positividade do resultado do exame, reduzir a transmissão vertical e estimular o seguimento do tratamento da condição patológica
4	2019	Previati, Vieira e Barbieri	A importância do aconselhamento no exame rápido de HIV em gestantes durante o pré-natal	Objetivo: Determinar as características sociodemográficas de gestantes infectadas pelo HIV relacionadas ao risco de transmissão vertical do HIV. Método quantitativo. Conclusão: foi obtido o diagnóstico quantitativo acerca dos riscos de exposição sofrido pelas gestantes, facilitando um planejamento assertivo em relação aos aspectos que ainda são falhos e que aumentam as chances da transmissão vertical do HIV
5	2020	Guelber, Alves e Almeida	A construção do vínculo das enfermeiras da estratégia de saúde da família com as gestantes HIV positivo	Objetivo: conhecer a percepção das enfermeiras em relação à construção do vínculo na assistência prestada na Estratégia de Saúde da Família com as gestantes HIV positivo. Método qualitativo. Conclusão: nessa relação, a enfermeira visualiza a possibilidade de estar junto à gestante, proporcionando ações que possibilitem mantê-la em acompanhamento na unidade.
6	2021	Forte, da Silva e Araújo	Assistência de enfermagem às gestantes diagnosticadas com HIV no pré-natal	Objetivo: avaliar a implantação do teste rápido para HIV na assistência ao pré-natal da atenção básica de uma macrorregião de saúde. Método quantitativo.
7	2020	Siqueira et al.	Análise hierarquizada dos determinantes da transmissão vertical do HIV: um estudo de caso-controle	Objetivos: analisar a associação dos fatores socioeconômicos, obstétricos, pediátricos e medidas profiláticas à transmissão vertical do HIV em crianças acompanhadas em um serviço de referência no Recife. Método quantitativo. Conclusões: identificaram-se como fatores de risco para a transmissão vertical do HIV: não possuir rede coletora de esgoto, não ter realizado no mínimo seis consultas de pré-natal, primeiro atendimento da criança com mais de dois meses e não ter realizado as profilaxias na gestação e no parto. Fatores determinantes para os quais existem políticas e programas específicos e o seu não acesso evidencia a determinação social da transmissão vertical do HIV.

8	2023	Mendonça et al.	Gestação, Vírus Da Imunodeficiência Adquirida (HIV) e covid- 19: desafios na assistência ao pré-natal	Objetivo: evidenciar os desafios existentes durante o pré-natal em mulheres grávidas soropositivas para o Vírus da Imunodeficiência Adquirida durante um período pandêmico. Método quantitativo. Conclusão: o serviço de assistência especializada realizou a reorganização da assistência para diminuir os desafios presentes, que foram dificuldade de acesso a unidade, marcação e acesso a resultado de exames pré-natal.
9	2023	Lopes et al.	Epidemiologia do HIV em gestantes e sua relação com o período da pandemia de COVID-19	Objetivo: analisar, à luz da Teoria Social Ecológica, a evolução dos casos notificados de HIV na gestação em um estado brasileiro e sua relação com o início da pandemia de COVID-19. Qualitativa

Fonte: Os autores (2023).

De acordo com os dados encontrados nos estudos, foi possível criar algumas categorias; em relação as grávidas: perfil socioeconômico, quantidade de consultas pré-natal e prevenção a transmissão vertical; em relação ao atendimento da enfermagem: educação e prevenção, testagem e aconselhamento, acesso a terapia antiretroviral, acompanhamento pré e pós- natal, trabalho em equipe e rede de apoio, além de capacitação.

Em relação ao perfil socioeconômico das grávidas portadoras de HIV, cinco artigos apontaram semelhanças, como a raça predominantemente parda e preta, idade entre 18 e 40 anos, escolaridade baixa, CASA PRÓPRIA, desemprego ou baixa renda, além de parceiro potencialmente portador de HIV também (GOULART et al., 2018; BARBOSA; MARQUES; GUIMARÃES, 2018; FORTES; SILVA; ARAÚJO, 2021; SIQUEIRA et al., 2020; MENDONÇA et al., 2023).

Outro ponto importante está na realização de consultas pré-natal como método de diagnóstico e prevenção do HIV e da sua transmissão de forma vertical. Entretanto, foi apontado que mesmo havendo consultas pré-natal entre as gestantes portadoras de HIV, elas aconteciam em quantidades menores do que as recomendadas (mínimo de seis), e muitas vezes não eram diagnosticadas no primeiro trimestre (BARBOSA; MARQUES; GUIMARÃES, 2018; PREVIATI; VIEIRA; BARBIERI, 2019; SIQUEIRA et al., 2020).

Silva et al. (2018), ressaltam a importância da implementação de programas de educação em saúde que ofereçam testes de diagnóstico no local de atendimento para Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Esses programas têm o potencial de melhorar significativamente a detecção e o tratamento de ISTs em mulheres. Além disso, destacam a relevância de divulgar o diagnóstico específico dessas doenças aos parceiros sexuais, o que pode facilitar a adesão ao tratamento e, conseqüentemente, reduzir o risco de reinfecção. É importante notar que, em alguns casos, essas patologias durante a gravidez podem levar a complicações sérias e aumentar a transmissão vertical do HIV, o que pode resultar em morbidade e mortalidade neonatal.

Apesar da educação em saúde ter sido citado apenas pelo estudo de Silva et al. (2018), quase todos os trabalhos apontaram a importância da enfermagem na

prevenção, testagem e aconselhamento dedicado as pacientes no período pré e pós-natal, principalmente com os resultados do diagnóstico sendo repassados para as mulheres.

De acordo com Silva et al. (2021) a fase de gestação e a realização do pré-natal desempenham um papel importante como ferramenta para a educação em saúde, proporcionando o cuidado adequado para as mulheres grávidas e suas famílias. Silva, Cechetto, Souza et al. (2021) enfatizam que a promoção da saúde é um conjunto de ações na área de enfermagem que tem como objetivo desenvolver uma consciência crítica nas escolhas e no gerenciamento do tratamento do HIV durante a gravidez. De acordo com esses estudos, essa ação educativa visa aumentar e disseminar informações específicas para as mulheres sobre seus corpos, além de servir como uma ferramenta para que as gestantes adotem novas práticas para resolver problemas que possam surgir durante o tratamento do HIV na gestação.

Os autores também abordaram o uso e o acesso a terapia antirretroviral, sendo que um aponta a importância de se oferecer a terapia (GUIMARÃES, 2018), e outros demonstram que a adesão é mediana e teve uma baixa no período da pandemia de Covid-19 (MENDONÇA et al., 2023; LOPES et al., 2023).

O estudo de Previati et al. (2019) destaca que o Centro de Aconselhamento e Testagem (CHC) pode desempenhar um papel significativo na redução do risco de transmissão perinatal do HIV, melhorando o controle virológico materno durante a gravidez e após o parto. Essa abordagem pode contribuir para uma gestação mais segura e para a prevenção da transmissão do HIV de mãe para filho. Nesse contexto, Kleinubing (2019) ressalta a importância do papel do enfermeiro no compartilhamento de conhecimentos e no apoio às gestantes para desenvolver sua autoconfiança. Outro viés de importância está na assistência e acompanhamento durante o parto e no pós-natal, assim como o acolhimento (GUELBER; ALVES; ALMEIDA, 2019; FORTES; SILVA; ARAÚJO, 2021; SIQUEIRA et al., 2020). Os estudos de Silva et al. (2018) destacam a necessidade de aprimorar o modelo de assistência de forma a torná-lo verdadeiramente centrado no cuidado, visando garantir os direitos reprodutivos das mulheres. Isso envolve a criação de ações que tenham um impacto positivo na assistência fornecida às gestantes portadoras do HIV, sensibilizando os profissionais de saúde para acolher esse grupo em todos os níveis de atendimento, já que há muitos estigmas e medos.

O estudo de Batista et al. (2019) indica que a percepção negativa do vírus HIV, está relacionada à preocupação com a transmissão para o feto durante a gestação. No entanto, esse estudo também ressalta que a compreensão do HIV tem evoluído entre as gestantes, o que promove novos comportamentos e atitudes em relação ao vírus. Em conjunto, esses achados destacam a importância de uma abordagem mais sensível e informada sobre o HIV durante a gravidez, a fim de promover uma assistência de qualidade e a compreensão precisa do vírus, contribuindo para uma experiência mais positiva e saudável para as gestantes soropositivas.

De acordo com Goulart et al. (2018) as dificuldades apresentadas pelas gestantes estão relacionadas ao uso da medicação, rejeição social e má qualidade na assistência à saúde. Desta forma segundo Previati et al. (2019) enfatizam que estas

situações sociais corroboram para um desequilíbrio emocional das mulheres grávidas com HIV a incidindo em uma tendência para a realização do aborto, visando não realizar este tipo de tratamento assim como a tentativa de não serem discriminadas pela sociedade.

Os estudos de Batista et al. (2019) e Silva et al. (2021b), apontam que os enfermeiros estão desempenhando um papel fundamental na assistência pré-natal às gestantes com HIV. Eles conseguem efetivamente transmitir orientações às suas pacientes, e essas gestantes demonstram uma boa compreensão das informações fornecidas. Esses estudos ressaltam a importância de os enfermeiros estarem cientes das necessidades específicas das gestantes com HIV e da relevância de suas práticas. Isso indica que, apesar das dificuldades, os enfermeiros estão desempenhando um papel essencial na promoção da saúde e no cuidado adequado para as gestantes soropositivas, contribuindo para um pré-natal mais eficaz e bem-sucedido.

Nos estudos de Goulart et al. (2018), é ressaltada a importância do acompanhamento oferecido pelos profissionais de enfermagem na rede de atenção primária. Esse acompanhamento é considerado fundamental e de extrema relevância para garantir uma gestação saudável e bem-sucedida. Silva et al. (2000) enfatizam que o papel do enfermeiro vai além do pré-natal, abrangendo também o acompanhamento das solicitações de exames, orientações no tratamento de acordo com os protocolos estabelecidos, registros dos atendimentos, manutenção dos prontuários e controle do cartão da gestante. O enfermeiro desempenha um papel crucial na coordenação e gestão dos cuidados durante a gestação.

Silva et al. (2021) complementam essas ideias, destacando que os enfermeiros têm a responsabilidade de identificar as mulheres grávidas que fazem parte de grupos de risco e encaminhá-las para atendimento médico quando necessário. Além disso, eles desempenham um papel fundamental na participação de atividades educativas preventivas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), orientando não apenas as gestantes, mas também suas famílias, por meio de reuniões informativas. Isso contribui para uma abordagem abrangente da saúde durante a gravidez e promove a educação preventiva na comunidade

Para Previati et al. (2019), os cuidados prestados pelos enfermeiros envolvem desde a atenção primária no acolhimento, visão holística, acompanhamento, relação de confiança paciente e enfermeiro no sentido de aderir o tratamento prévio visando a prevenção, autocuidado e medidas medicamentosas no pré-natal. Contudo Sales e Schonmolzer, (2020) mencionam a necessidade de melhoria no processo de acolhimento, acompanhamento e aconselhamento, uma vez que são poucos e existe uma grande desqualificação tanto teórico como prática dos profissionais de enfermagem que atendem as gestantes com HIV.

Os estudos de Barbosa et al. (2018) enfatizam que os profissionais de enfermagem devem desenvolver estratégias para compreender melhor as condições das gestantes diagnosticadas como soropositivas para o HIV. Destaca-se que a falta de aconselhamento e a não realização de testes podem dificultar a manutenção do vínculo entre o enfermeiro e a paciente. Goulart et al. (2018) ressaltam a importância da capacitação dos enfermeiros para oferecer suporte às gestantes com HIV desde

a primeira consulta, promovendo uma interação eficaz com a paciente.

Fortes et al. (2021), apontam que é crucial que os profissionais de saúde acompanhem as mulheres grávidas, proporcionando assistência centrada no acolhimento, comunicação eficaz e ações preventivas para reduzir a mortalidade materna e fetal. O objetivo é desenvolver uma nova perspectiva de estilo de vida e minimizar os efeitos do HIV durante a gravidez.

Mediante a esses dados justifica-se a importância do trabalho da prevenção, da informação para a gestante, assim como a importância da enfermagem no acompanhamento do pré-natal para que os recém-nascidos venham com menos intercorrências de saúde (ARAÚJO et al., 2020). Diante disso se pode constatar que mesmo com todo esse avanço, a enfermagem enfrenta vários entraves, pois existem muitas gestantes que se abstêm do pré-natal, levando a equipe a um trabalho totalmente diversificado, pois além do cuidado para que essa grávida possa ter seu filho em condições favoráveis necessita de um acompanhamento multiprofissional.

## **CONCLUSÃO**

A transmissão vertical do HIV, que ocorre de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação, é uma preocupação significativa para profissionais de saúde, especialmente enfermeiros. Para lidar de forma eficiente com essa questão, é crucial adotar estratégias proativas e implementar ações de enfermagem adequadas. Na conclusão, é fundamental enfatizar alguns pontos-chave:

**Educação e Prevenção:** Os enfermeiros desempenham um papel crucial na educação das gestantes sobre o HIV e as medidas preventivas. Informar as mães sobre a importância do teste do HIV durante a gravidez, adesão rigorosa à terapia antirretroviral (TAR) e práticas seguras de amamentação é essencial.

**Testagem e Aconselhamento:** Oferecer testagem do HIV durante o pré-natal é vital. Os enfermeiros devem garantir que todas as gestantes sejam testadas e, em caso de resultado positivo, fornecer aconselhamento adequado, apoiando-as emocionalmente e educando sobre estratégias para reduzir o risco de transmissão vertical.

**Acesso à Terapia Antirretroviral (TAR):** Garantir que as gestantes diagnosticadas com HIV tenham acesso oportuno e contínuo à TAR é fundamental. Os enfermeiros devem monitorar a adesão ao tratamento para assegurar a supressão viral, minimizando assim o risco de transmissão ao feto.

**Acompanhamento Pós-Parto:** O cuidado não termina com o parto.

Enfermeiros devem oferecer apoio contínuo às mães soropositivas, incentivando o uso de fórmulas infantis seguras e aconselhando sobre práticas seguras de cuidado com o bebê para evitar a transmissão durante a amamentação.

**Trabalho em Equipe e Rede de Apoio:** Colaboração interdisciplinar entre enfermeiros, médicos, assistentes sociais e outros profissionais de saúde é crucial. Além disso, apoiar as mães no estabelecimento de uma rede de apoio, incluindo familiares e grupos de apoio comunitários, pode ser muito benéfico emocional e praticamente.

Pesquisa e Educação Continuada: Enfermeiros devem continuar atualizando seus conhecimentos por meio da pesquisa e da educação continuada para estar cientes das últimas diretrizes e estratégias de prevenção da transmissão vertical do HIV. Em resumo, o cuidado de enfermagem eficaz na prevenção da transmissão vertical do HIV requer uma abordagem abrangente, que inclua educação, prevenção, tratamento, apoio emocional e colaboração interdisciplinar. A dedicação dos enfermeiros nesse contexto desempenha um papel fundamental na melhoria dos resultados para mães e bebês afetados pelo HIV.

## REFERÊNCIAS

ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; PILLAI, S. **Imunologia Celular e Molecular**. 9ª ed. Elsevier; 2017

ANDRADE, L. N. M., TRINDADE, L. M. V., NOGUEIRA, I. L. A., RODRIGUES A. M. R. F., CORRÊA, G. M. N., FERREIRA, A. M. R. Infecção por HIV em gestantes os desafios para o cuidado pré-natal. 2020. 9 f.- Curso de Enfermagem, **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, 2020.

ARAUJO, W. J. Silva et al. Intervenção educacional em hiv / aids com idosos: um estudo quasi-experimental. **Texto contexto - enferm.**, v. 29, e20180471, 2020.

BARBOSA, B. L. F. A; MARQUES, A. K; GUIMARÃES, J. V. Gestantes hiv positivas e os fatores de risco relacionados à transmissão vertical do HIV. Recife: **Revista de enfermagem**. 2018.

BATISTA, Flávia Serrano et al. Chronic Cystoisospora belli infection in an HIV/AIDS patient treated at the specialized assistance service in Porto Velho County-Rondonia. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 52, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. Nº Especial - 2019. Brasília: Ministério da Saúde, 2019a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, Sífilis e Hepatites Virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Tratamento para o HIV**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-ehiv/tratamento-para-o-hiv>. Acesso: 15 setembro 2023.

DA SILVA, H. H. F; DO SANTOS, W. S. S; SILVA, F. M. V; SOUZA, G. C. S. S. Assistência de enfermagem à gestante HIV positivo durante o pré-natal. Recife: **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. 2021.

FARIA, E. R. et al. Gestação e HIV: Preditores da Adesão ao Tratamento no Contexto do Pré-natal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, p. 197-203, 2014.

FERREIRA, A. C. et al. Qualidade do acompanhamento da exposição perinatal ao HIV e observância de estratégias reconhecidas para reduzir sua transmissão em um centro de referência em Medellín, Bogotá, v. 39, n. 2, 2019.

FORTES, J. M. S; DA SILVA, B. A; ARAUJO, R. V. Assistência de enfermagem às gestantes diagnosticadas com HIV no pré-natal: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e0710615504-e0710615504, 2021.

FREIRE, M. C. O. O desafio dos profissionais na produção do cuidado em saúde de mulheres e mães soropositivas. **[TESTE] Gep News**, v. 1, n. 1, p. 235-244, 2020.

FREITAS, I. R. et al Reflexões sobre uma oficina virtual sobre a história e silenciamento da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Vol. 14, n.1, p. 453-465, 2021.

GOULART, C. S; MARIANO, V. T; CASTILHO, W. R. F; SEGURA, J. S. N; MOTA, W. H. Percepção do enfermeiro da atenção básica acerca do atendimento à gestante soropositiva. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 6, n. 3, p. 286-292, 2018.

KLEINUBING, R. E. et al. Avaliação da atenção à saúde de gestantes com HIV: comparação entre serviço primário e especializado. **Escola Anna Nery**, v. 23, 2019.

LANGENDORF, Tassiane Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Mello; SUZA, Ivis Emília de Oliveira. Men's sexual and reproductive health in the situation of HIV- serodiscordance. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. e20180904, 2020.

LOURENÇO, G. O AMAZONAS, M. C. L. A; LIMA, R. D. M. Nem santa, nem puta, apenas mulher: a feminização do HIV/aids e a experiência desoropositividade. **Revista Latinoamericana**, v. 30, p. 262-281, 2018.

LÚCIO, Firley Poliana da Silva et al. Saúde sexual da mulher lésbica e/ou bissexual: especificidades para o cuidado à saúde e educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 2, p. 1465-1479, 2019.

MAGALHÃES, S. Q. C. et al. Contribuições do pré-natal para o autocuidado de mulheres assistidas por equipes de saúde da família. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 17, n. 2, p. 1-7, 2018.

MALTA, A. A; SANTOS, C. V. M. A Vivência da Sexualidade de Pessoas que Vivem com HIV/Aids. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 4, p. 773-78, 2018.

MARANHÃO, Thatiana Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Determinação Social do HIV/AIDS: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

MAZUZE, B. S. D., BORGES, T. D. S., BRASIL, L. T. M. R., POLEJACK, L. Experiências de mulheres vivendo com HIV gestantes ou lactantes num contexto de Moçambique: revisão integrativa. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 532-540, 2021.

PREVIATI, S. M; VIEIRA, D. M; BARBIERI, M. A importância do aconselhamento no exame rápido de HIV em gestantes durante o pré-natal. **J. Health Biology Sciency**, v. 7, n. 1, p. 75-81, 2019.

SALES, T. C; SCHONHOLZER, T. E. Assistência de enfermagem prestada a gestante com HIV durante o pré-natal. **Revista da Saúde da AJES**, v. 6, n. 12, 2020.

SILVA, A. P. da et al. Aconselhamento em HIV/AIDS e sífilis às gestantes na atenção primária. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 1962-1969, 2018b.

SILVA, C. M; ALVES, R, S; SANTOS, T. S; BRAGAGNOLLO, G. R; TAVARES, C. M; SANTOS, A. A. P. Panorama epidemiológico do HIV/aids em gestantes de um estado do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 568-576, 2018.

SILVA, C. T. L; VASCONCELOS, K. P; ALVES. H. B. Perfil epidemiológico de gestantes portadoras de hiv/aids no brasil. **Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras**, v. 8, p. 120-35, 2021.

SILVA, T. F; VILELA, Y. A. S; CORDEIRO, M. B. L; Consulta de enfermagem à gestante recém-diagnosticada com o vírus HIV em uma policlínica de referênciada cidade de Manaus, Estado do Amazonas. **Brazilian Journal of HealthReview**, v. 4, n. 1, p. 3886-3893, 2021b.

SIQUEIRA, Poliana Germano Bezerra de Sá et al. Análise hierarquizada dos determinantes da transmissão vertical do HIV: um estudo de caso- controle. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 20, p. 985-995, 2021.

SOUZA, G. C. S.; SILVA, H. H. F.; SANTOS, W. S. S.; SILVA, F. M. V. **Assistência de enfermagem à gestante HIV positivo durante o pré-natal: uma revisão integrativa**. 2021. 10 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

TARIMO, E. A.; MASHOTO, K. O. A qualitative study of perceived risk of occupational exposure to HIV and use of post exposure prophylaxis services among health-care workers in Tanzania. **The East African Health Research Journal**, v. 3, n. 2, p. 96, 2019.

TRINDADE, L. N. M; NOGUEIRA, L. M. V; RODRIGUES, I. L. A; FERREIRA, A. M; CORREA, G. M; ANDRADE, N. C. O. Infecção por HIV em gestantes e os desafios para o cuidado pré-natal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.